

# Editorial Revista Espinhaço

Diego Rodrigues Macedo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduado e Mestre em Geografia pela UFMG. Doutor em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre pela UFMG. Analista em Informações Geográficas e Estatísticas do IBGE.

Diamantina, cidade repleta de história e que atualmente sedia a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), se tornou um consolidado ponto de encontro de geógrafos e de geografias, agregando uma multiplicidade de olhares vindos de várias partes do Brasil e do Mundo sobre a espetacular paisagem do Espinhaço Meridional. A Revista Espinhaço, que está prestes a completar o seu terceiro ano de existência, vem contribuindo para esta constante reunião de olhares próprios da ciência geográfica que, por definição, explora as interações entre os aspectos físicos e humanos existentes no espaço, promovendo uma compreensão integrada do meio ambiente.

Nesta sexta edição, a Revista Espinhaço traz quatro artigos, uma resenha e uma entrevista especial que, juntos, refletem o seu espírito pluralista. O primeiro artigo, escrito por Thiago Canettieri (IFMG) e colaboradores, traz reflexões a respeito da segregação espacial nos centros urbanos. A construção do ambiente nas cidades de maneira geral é fragmentado, fruto de processos de ocupação ora desordenados, ora “invisivelmente” arquitetados. Conforme os autores, na segregação espacial das cidades, todos os seus fragmentos que, aparentemente são únicos, na verdade fazem parte de um processo de homogeneização do modo de transformação capitalista do espaço urbano.

As várias óticas a cerca de um fenômeno podem ser testadas no segundo artigo, escrito por Marcos Nunes (IGTEC) e Gabriel de Oliveira (UFMG), que versa sobre a evolução do índice de bem estar nos municípios do Vale do Jequitinhonha. A criação de índices sintéticos é algo muito útil para alinhar os diversos pontos de vista sobre o bem estar e, com base neste esforço empírico, os autores mostram transformações importantes na realidade social de 24 municípios emancipados pós Constituição de 1988.

O espaço, além de apropriado, construído e, vezes desmoronado e reconstruído, também pode ser interpretado de uma maneira abstrata, como mostra o artigo de Rubia de Paula Rúbio e Gilvar Charle de Araújo, que analisa os conceitos da geografia através da trilogia Matrix. Assim como as ações desenroladas na trilogia, não podemos projetar o futuro apenas analisando as ações do passado; as transformações na sociedade são dinâmicas. Mais além, os diversos pontos de vistas dos atores levam a construção de leituras distintas a cerca do espaço; ora podemos considerar sob a ótica de quem está dentro da Matrix, ora sob ótica da metáfora da pílula, ora sob a ótica das Máquinas.

O artigo de Isaac Medeiros mostra como os trilhos, elemento marcante na paisagem construída, deixaram diversas mensagens no tecido urbano de Belo Horizonte. Em um primeiro momento, a ferrovia foi considerada com

um eixo estruturante de ocupação urbana, ao longo do qual visivelmente a cidade de Belo Horizonte se desenvolveu em seus primeiros anos. Em um segundo momento, a mesma foi abandonada em relação ao carro e se transforma em um fragmento desarticulado da nova realidade, se tornando mais um elemento da segregação espacial.

Na esteira da globalização e das consequências das transformações impostas à natureza pela ação humana, a entrevista do pesquisador da WayCarbon (Partec/UFMG), Marco Follador, traz “insights” a respeito das mudanças climáticas globais. Hoje há uma mudança de paradigma em relação a este tema: as discussões atuais não se concentram apenas em torno da mitigação, mas, sobretudo, na necessidade eminente de se investir em políticas voltadas para as adaptações às mudanças climáticas.

A resenha do livro “O impasse da política urbana no Brasil” por parte de Pacelli Teodoro finaliza esta edição da revista Espinhaço concatenando as diversas abordagens dos artigos apresentados. Em várias partes da resenha, percebemos que, a urbanização no Brasil é segregada como exposto no primeiro artigo; conflituosa, como os atores dentro da Matrix do segundo capítulo; que os avanços sociais não mudaram de fato a realidade urbana, tal qual a realidade do Vale de Jequitinhonha e, por fim, que a (des)política de mobilidade não aproveitou os trilhos para uma profunda reforma na mobilidade urbana.